

APRESENTAÇÃO

Linguagem e Identidade

Neste “espaço híbrido”, o próprio tema deste número da Revista *Leitura* sugere, tem-se o resultado de diversos olhares sobre a *experiência humana* nos domínios dos saberes lingüísticos, discursivos e literários. O conjunto de textos que segue foi agrupado em torno de uma temática também tão híbrida quanto a proposta desta revista: linguagem e identidade. Sob o prisma da indissociabilidade desses dois temas pode-se dizer que a linguagem é a condição primeira da identidade; esta última compreendida aqui não como caracteres para designação particular ou jurídica de pessoas, mas como “fonte de significado e experiência de um povo” (CASTELLS, 2000, p. 22).

O tema identidade emerge com mais veemência nesta fase da história da modernidade¹, visto que entra em cena a preocupação com a fragilidade de certos conceitos e valores tidos até então como inabaláveis. O projeto da modernidade trazia a promessa de auto-emancipação da humanidade; instituía-se, com base nos princípios de universalidade, um mundo sem fronteira onde os homens podiam se reconhecer como cidadãos mundiais; de individualidade, quando todos os indivíduos, fazendo-se sobre determinadas circunstâncias (o princípio de autonomia), seriam reconhecidos livres e iguais. Mas as circunstâncias em que opera (no presente, pois corroboramos com a assertiva de que este projeto ainda não se completou) esse projeto fazem com que

¹ Para o sociólogo polonês Zygmunt Bauman (1927), a modernidade passou pela fase sólida, em que, considerando-se as negatividades, tinha-se como aspecto positivo a possibilidade de se conduzir e se construir a vida humana com planos para os dias seguintes; vive-se hoje a fase líquida cujas condições de existência da vida humana são tão voláteis que não se pode planejar o futuro por muito tempo (em entrevista à Pallares-Burke, Folha de S. Paulo, 19 de outubro de 2003).

declinem as formas de representação e de identificação dos sujeitos (AMARAL, 1999), tanto que acenar o resgate dessas formas é um dos motivos pelo qual se justifica a retomada do debate sobre o temário linguagem e identidade.

Com Calhoun (1994, apud CASTELLS, 2000), pode-se afirmar que não se conhece um povo sem nomes, sem idiomas, sem cultura, sem o estabelecimento de alguma forma de distinção entre o eu e o outro, nós e eles. É assim que um povo se identifica perante os outros; com esses requisitos ele opera o autoconhecimento e evidencia a necessidade de ser conhecido pelos outros. São as inúmeras formas de interpretação da experiência de um povo que fazem transparecer a sua identidade, representada pelas diversas formas de linguagem - semiológica, gestual, icônica. Mas qualquer que seja o campo de saber que alicerce uma tal interpretação, tal campo ainda será menor do que a riqueza da experiência deste povo. A grandeza da prática (experiência) humana em relação aos tipos de interpretação e conhecimento põe os *intérpretes* numa situação inexaurível, porque os temas que abordam são inesgotáveis. Desse modo, é interessante observar o que diz Bauman (2003) a esse respeito: “Aqueles que embarcam numa vida de conversação com a experiência humana deveriam abandonar todos os sonhos de um fim tranqüilo de viagem. Essa viagem não tem final feliz – toda a sua felicidade se encontra na própria jornada.”

Os estudos aqui apresentados, pois, expressam uma parte, pequenina mas significativa, da experiência humana. Traduzem-se, dessa experiência, aspectos das relações de amor e de poder, manifestados em gestos de sedução, de persuasão ou de autoridade. Essas relações estão imbuídas de efeitos de evidências tais que simulam um mundo de “harmonia” entre os homens, fazendo-os acreditar viverem em uma sociedade .que os unifica com *gestos de identidade*.

O primeiro artigo desta seção é de Ana Beatriz Fernandes Ferreira Domingues, que analisa o tema do amor cortês,

observando o silenciamento da mulher nas condições de produção do discurso amoroso medieval. A seguir, tem-se Ana Lúcia Leal tratando sobre as marcas entoacionais no processo de aquisição da linguagem. Ainda sobre a questão da identidade do feminino, Dina Maria Martins Ferreira analisa formas de designação da mulher no discurso midiático da contemporaneidade. Fechando essa seção, tem-se o artigo de Virgínia Borges, que faz uma análise do sentido de cidadania no discurso empresarial.

Como se disse, o conjunto de textos reunidos nessa seção demonstra que não se pode interpretar as expressões da prática humana fora das condições históricas. Os temas revelam que a liberdade de pesquisa e de formas de se tratar aspectos da experiência humana permite que os intérpretes dessa história se encontrem e argumentem num espaço comum, mesmo que diversificado nos campos de saberes da interpretação da linguagem (do lingüístico ao discursivo).

Virgínia Borges

Referências Bibliográficas

- AMARAL, M. Virgínia Borges. A (des)razão do mercado: efeitos de mudança no discurso da qualidade total. Tese (Doutorado em Lingüística). Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 1999.
- BAUMAN, Zygmunt. A sociedade líquida. *Folha de S. Paulo*, suplemento Mais!, 19 de outubro de 2003. Entrevista concedida à Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.